

150.º Aniversário da Revolução Francesa

Passou este ano o 150.º aniversário da Revolução Francesa, que tão poderosamente havia de contribuir para a transformação do mundo e que tão profundas repercussões havia de ter na história do nosso país. A Revolução Francesa foi a subversão catastrófica da ordem feudal, baseada nos laços pessoais de hierarquia e submissão, e a instauração da ordem burguesa, fundada nos laços impessoais do dinheiro. Com a sua entrada na cena política, a burguesia francesa ergueu o archote das grandes aspirações humanas. Robespierre e Saint-Just deram à revolução um timbre que nos é quasi contemporâneo. Mas, derruída a feudalidade, abolidos os privilégios da nobreza e do clero, o espírito universalista da Revolução começou a sofrer a sua ingloria revogação silenciosa. Napoleão, o audacioso, é o «homem do bom senso, que traz a «medida justa» e consolida a revolução burguesa. Ele mesmo, convém não esquecer, colabora na elaboração do Código Civil, que é o código da propriedade e dos negócios. O que havia de ambíguo na obra do côrso, que foi um tirano e fez as suas campanhas com soldados animados das ideias revolucionárias, caiu bem no espírito da nossa burguesia do principio do século XIX, ávida de emancipar-se. De 1820 a 1910 a história de Portugal não se compreende desligada da Revolução Francesa. O ideal de 89 parece estar hoje em decadência. Aqueles mesmo que hoje governam o mundo graças à revolução que aboliu os privilégios feudais não reconhecem a herança revolucionária que os jacobinos lhes legaram. Mas, há também quem lute por um novo humanismo, realista, concreto, — humano. E a Revolução Francesa é uma grande etape da conquista desse humanismo. Para além do aspecto restrito, formal, abstracto da ideologia de 1789, há na Revolução Francesa uma lição eterna. Saibamos recolhê-la.

TRANSCRIÇÕES

—A «Seara Nova» transcreveu a crítica do nosso camarada Alves Redol ao livro de Lia Correia Dutra: *O Romance Brasileiro e José Lins do Régio*.

—O nosso comentário *A Arte Chinesa Durante a Guerra* foi transcrito pela «página literária» do «Mensageiro do Ribatejo».

—A revista brasileira «No que se Pensa HOJE», publicou, por transcrição de «Sol Nascente»: *A Decadência da Cultura*, de N. Guterman e H. Lefebvre; *A Arte Chinesa Antes da Guerra*, do nosso camarada F. Seabra e ainda o comentário *A Arte Chinesa Durante a Guerra*.

—O «Diário do Alentejo», que se publica em Beja, transcreveu, acompanhando-o de amáveis comentários para «Sol Nascente», o artigo da nossa presada colaboradora Maria Albuquerque: *O que nos ensina uma Mulher Moderna*, assim como o artigo *A Tuberculose é uma Doença Social*, do nosso camarada César Anjo (Filho).

—Também o diário «A Ilha» de Ponta Delgada, publicou o conto «O Homem Mau» de Joaquim Namorado.

Livraria Lusitana

R. de Santa Catarina, 58

PORTO

Sempre as últimas novidades literárias.

Livros escolares e todo o material de ensino.

PAPELARIA

fôlha volante

*Estava eu a arrancar batatas
e vem a senhora da horta:
Hoje faz fresquinho, António?
Saiba a senhora que sim,
eu disse, e pus-me a rir.*

*E pus-me a rir
porque este é o meu modo.
Mas levei a mão à testa
E limpei-a do suor.*

*Saiba a senhora
que por mais fresco que faça
um homem com uma enxada
sente sempre calor!
E dei mais uma enxadada
no chão das batatas*

*E disse-lhe ainda mais esta
Que eu cá não me importo
que faça frio ou que faça calor,
sou um homem de enxada.
O que me dá pena
e lá mais à patroa
é gastar eu tanto suor...
(sim, a senhora não leve a mal)
puxar tanto do corpo
e estar tão cara a broa!*

*Que é que um homem ganha
nesta área em roda?
Uns pobres seis mel reis.
E quando Deus os dá...*

*Eu disse estas coisas,
mas não queria ofender.
E a senhora que me ouvia
que houvera ela de fazer?
Respondeu-me que os tempos estão maus,
com o seu modozinho de graça.
E eu que o sei!
Mas ela passeia
e eu desenterro batatas.*

(transcrito da «Seara Nova»).

"E SERÃO DOIS NUMA SÓ CARNE"

(Continuação da página onze)

relegadas para os três KKK embrutecedores. Os homens nem se lembram de que ninguém como eles é tão humilhado «pelo crime de tratar a mulher como escrava». E também se não lembram de que está nas mãos das mulheres cobri-los de ridículo aos olhos uns dos outros.

Para se poder falar em casamento, em lar e em procreação, sem ao mesmo tempo falar em sevícias e injúrias graves, em falta de mobília, de roupa e de leite, em adultério, é necessário fazer do amor elemento integrante do casamento, do lar e da procreação. E isso significa criar as condições para que homem e mulher se casem e se reproduzam por amor e só por amor. Significa resolver problemas económicos, morais, sociais. Salários. Higiene. Renda de casa. Independência económica das mulheres. Paralelismo de sexos. Educação dos filhos assegurada.

Então não é uma mera ambição querer que o casamento, o lar, a procreação, sejam o producto duma ligação íntima e profunda, de todo o ser, coração e vontade. Que a vida em comum de homem e mulher não seja apenas a arrumação forçosa do solitário, mas a realidade funda e sentida do mais esplendoroso dos sentimentos humanos. Que homem e mulher, rapaz e rapariga, numa união exclusiva e sã, completados pela posse e pela mútua-compreensão, caminhem lado a lado na vida. Que se acompanhem abraçados nos dias calmos e sob tempestades. Que fitem com fé o seu futuro e o futuro dos rebentos queridos da sua afecção.

Que nova e acariciante luz banhando a humanidade!